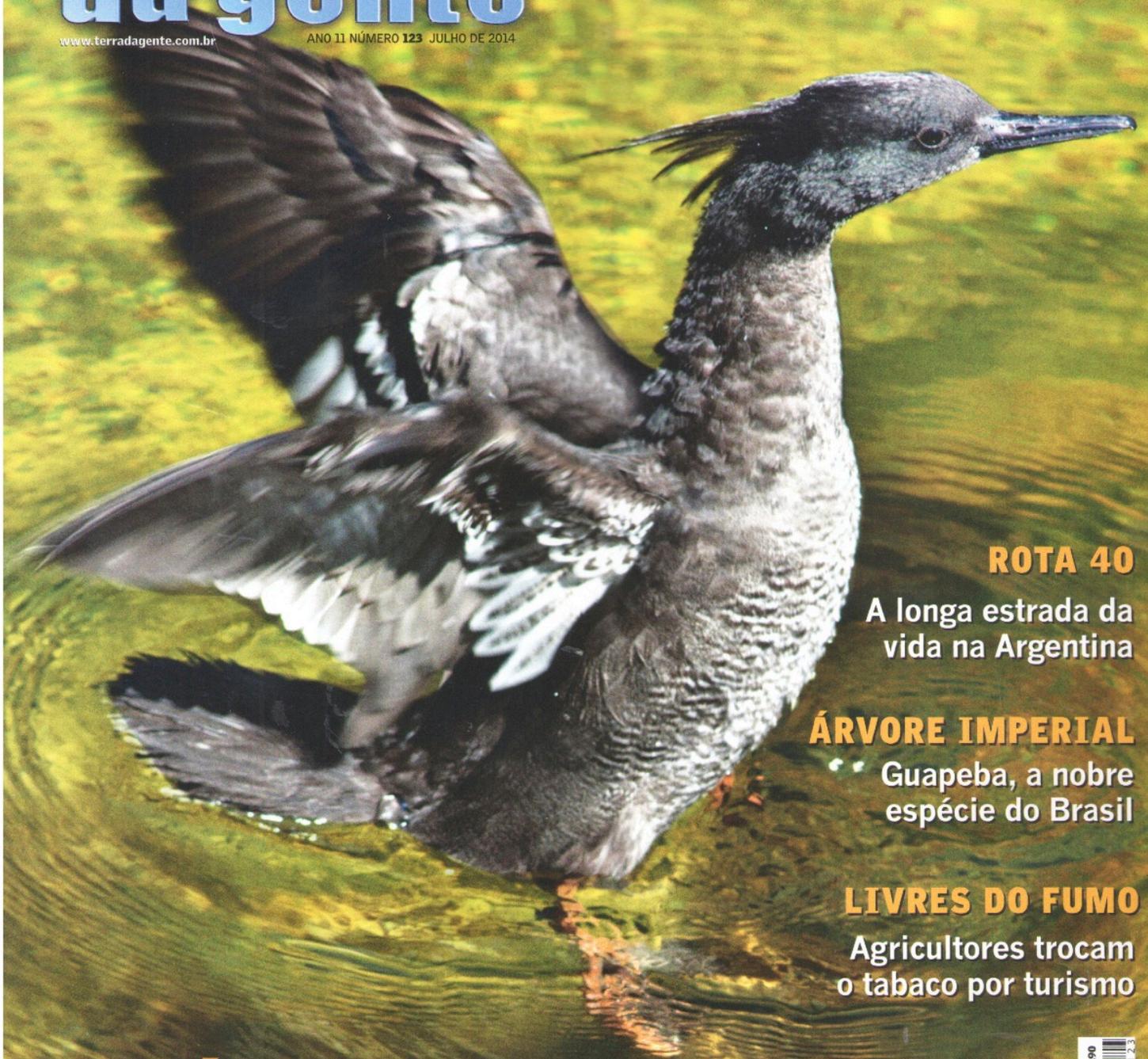


A AVENTURA DE DESCOBRIR A VIDA

TERRA da gente

www.terradagente.com.br

ANO 11 NÚMERO 123 JULHO DE 2014



ROTA 40

A longa estrada da vida na Argentina

ÁRVORE IMPERIAL

Guapeba, a nobre espécie do Brasil

LIVRES DO FUMO

Agricultores trocam o tabaco por turismo

EM ÁGUAS LIMPAS

Sem rios cristalinos, o pato-mergulhão é uma das dez aves aquáticas mais ameaçadas do mundo



A ÁRVORE DO IMPERADOR

texto | VALÉRIA FORNER

fotos | MÁRIO GOMES

Espécie exclusiva da Mata Atlântica que frequentou a Exposição Universal de Paris, em 1889, foi presente de Pedro II em nome do Brasil a várias coleções botânicas importantes do mundo e hoje corre o risco de desaparecer da natureza



Uma árvore brasileira que frequentou salões internacionais e o “jardim elegante e perfumado” da Exposição Universal de Paris tornou-se tão rara que justifica o entusiasmo de um grupo de pesquisadores ao encontrá-la na maior área de Mata Atlântica de Minas Gerais. Ameaçada de extinção segundo a lista da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN, na sigla em inglês), a guapeba sobrevive hoje em restritos remanescentes naturais e, como espécie cultivada, em alguns jardins botânicos e áreas particulares. Também chamada “árvore do imperador”, a *Chrysophyllum imperiale* foi o presente que d. Pedro II ofertou em nome do Brasil a coleções importantes, como a do Royal Botanic Gardens of Sydney, na Austrália.

Os índios tupis conheciam por guapeba a “árvore de folhas grandes com bordas serreadas”. O português colonizador a identificava como marmeleiro-do-mato,

sugestionado talvez pela presença de frutos maduros como o marmelo que conhecia e apreciava. A espécie despertou a atenção do botânico alemão Karl von Martius, que teria conhecido a guapeba na serra do Corcovado, no Rio de Janeiro, entre 1817 e 1820, durante a expedição científica que empreendeu no Brasil.

Por um tempo, a sapotácea foi identificada como *Martiusella imperialis*, claras referências a von Martius e ao imperador Pedro I. Nas pesquisas que realizou entre 1835 e 1837 no território nacional, Jean Jules Linden a elegeu uma das mais belas espécies da botânica brasileira. O horticultor belga se deu conta que não se tratava apenas de gosto pessoal quando, em 1862, viu a espécie tropical ser premiada na Exposição Mundial de Londres. O feito se repetiria em 1867, na França.

Antes da participação na Exposição Universal de Paris, em 1889, a guapeba experimentou a popularidade na lista de espécies nativas que Auguste Glaziou selecionou para compor os grandes jardins públicos





LUÍZ DIAS

INTERNACIONAL

A guapeba é uma das atrações no Jardim Botânico Plantarum, em Nova Odessa (SP). Os raros frutos da árvore alimentam os também ameaçados muriqui-do-norte, dispersores de sementes

do Rio de Janeiro. O paisagista e cientista botânico francês chegou ao Brasil em 1858, convidado por Pedro II. Entre outros feitos, Glaziou reformulou o Passeio Público, projetou os jardins da Quinta da Boa Vista e os do Campo de Santana.

Exclusiva da Mata Atlântica, a guapeba está entre mais de 700 espécies da flora ameaçadas de extinção, de acordo com levantamento da Fundação Biodiversitas. Reza a lenda que, ao final da monarquia, republicanos teriam ceifado a “árvore do imperador” dos jardins públicos. Estudos indicam, porém, já no segundo império, o emprego da madeira na construção naval; outros mencionam a ação de carvoeiros, especialmente no Rio de Janeiro, como causas para o rápido declínio da espécie na natureza.

Para Tereza Spósito, a situação da *C. imperiale* é das mais preocupantes entre as ameaçadas na Mata Atlântica. A bióloga participou com Marise Horta, Mariana Ferreira e Geraldo Adriano de um estudo demográfico sobre a espécie no Parque

Estadual do Rio Doce e entorno coordenado por João Renato Stehmann, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). “A diminuição da população tem a ver com os desmatamentos da Zona da Mata de Minas Gerais e do Rio de Janeiro”, observa Tereza.

Atividades agropecuárias e exploração de madeira nessas regiões, na primeira metade do Século XX, segundo a bióloga, teriam contribuído para o declínio da espécie, com consequências para a fauna. Grande prejuízo recai sobre o ameaçado muriqui-do-norte (*Brachyteles hypoxanthus*), consumidor dos frutos da guapeba e dispersor de suas sementes. “O maior primata das Américas devora-os avidamente, com grande algazarra nas árvores”, relata o biólogo e especialista Luiz Dias.

Os exemplares que originaram o estudo demográfico foram encontrados em 2002, perto do município de Ipatinga (MG). Maior área de Mata Atlântica de Minas, o Parque Estadual do Rio Doce tem 36 mil hectares

GUAPEBA

Chrysophyllum imperiale

Outros nomes populares

» Guapeva, guapeba-preta e marmeleiro-do-mato

Características

» A árvore chega a 30 m de altura, com tronco áspero e pardacento de até 35 cm de diâmetro. As folhas verdes e duras, com cerca de 20 cm, têm as bordas serradas. As flores, pequenas, agarram-se aos galhos. Os frutos, ovalados e amarelados, são comestíveis.

Ocorrência

» Planta exclusiva da floresta pluvial Atlântica da Zona da Mata de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Floração e frutificação

» Floresce principalmente em outubro e novembro. Os frutos amadurecem entre junho e julho.

Fontes: *Flora Neotropica* e *Árvores Brasileiras – Vol. 3*, de Harri Lorenzi

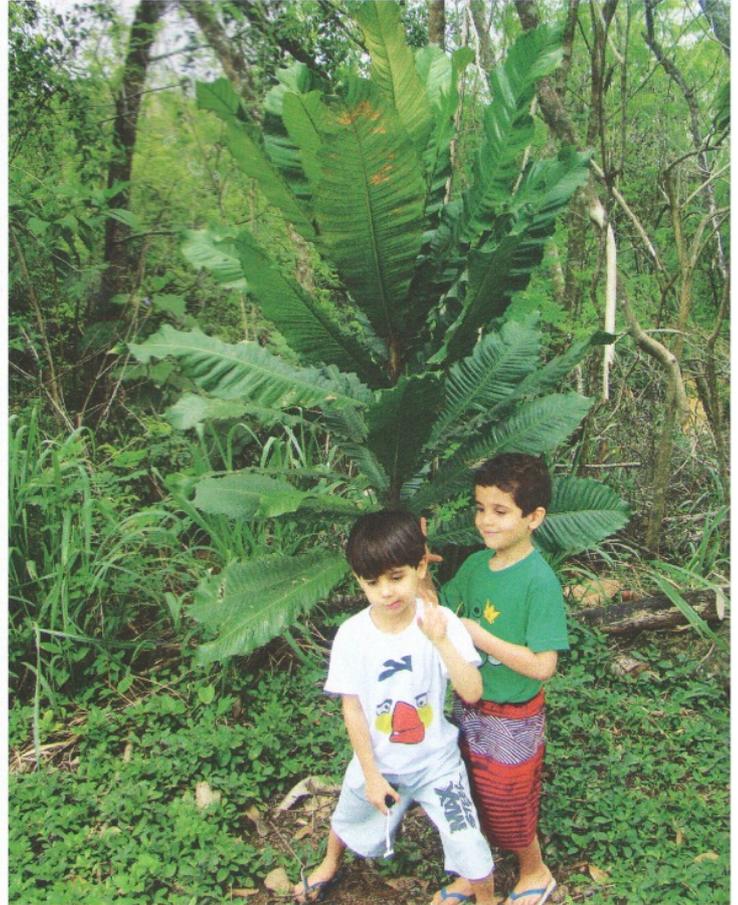
GUARDADA NO MUNDO

A poucos metros da recém-construída Torre Eiffel, o Pavilhão do Brasil tinha lugar ao lado de outras 52 nações. A última monarquia americana a participar da festa republicana exibiu o fumo e o café do brasão imperial. Além de vitórias-régias, orquídeas e “palmeiras de folhas em ponta de lança”, os visitantes tiveram a oportunidade de apreciar, em 1889, dois exemplares de guapeba na Exposição Universal de Paris.





MÁRIO GOMES



FUTURO
O tronco da guapeba é áspero e pardacento (acima). André e Tiago poderão acompanhar o desenvolvimento das árvores que o avô plantou para eles. Na pág. seguinte, sementes e frutos, apreciados por macacos

de floresta estacional semidecidual. “Sabíamos que era da família das sapotáceas. Mas a planta tinha a folha com borda serreada; na maioria das espécies desta família, a margem das folhas é lisa”, diz Tereza.

Para identificar a espécie, o botânico Rubens Custódio Mota, integrante da equipe de Stehmann, comparou-a com um exemplar do herbário da UFMG, coletado em 1904 por Carl Wilhelm Schwacke. Não havia dúvidas: tratava-se da ameaçada *C. imperiale*. “Ficamos contentes com a descoberta, pois a população era bem estruturada, com árvores adultas em frutificação, e indivíduos jovens espalhados pelo sub-bosque da floresta”, conta a bióloga. Mais tarde, o botânico Glauco Santos França encontrou outros exemplares na Fazenda Sacramento, no município de Pingo d’Água (MG), bem próxima do Parque. Por enquanto, em

Minas Gerais, a espécie está restrita a estes dois locais. “Para a efetiva conservação é importante que sejam implantados programas de reintrodução, atentando para as características do hábitat, para garantir a sobrevivência das mudas.”

DE VOLTA

As sementes de *C. imperiale* que Eugênio Arantes de Melo plantou em seu sítio, em Ipatinga (MG), têm grandes chances de ter vindo de uma planta-mãe especial. Segundo o idealizador do site Árvores do Brasil, cujo hobby é plantar, observar e identificar árvores em sua propriedade, as sementes chegaram em 2006 por Dean Rallyson, um colecionador de espécies. Como visitante cadastrado, o australiano recebeu-as do Royal Botanic Gardens of Sydney, a instituição que ganhou do próprio Pedro II mudas da “árvore do imperador”.



FOTOS: EUGÊNIO ARANTES DE MELO

As sementes vieram dois anos depois da correspondência entre Melo e Pedro Foyos, jornalista português interessado em saber mais sobre a espécie “predileta dos imperadores do Brasil”. Enquanto observava o desenvolvimento da planta no sítio, Melo passou a pesquisá-la e, no Parque Estadual do Rio Doce, pôde recolher no chão frutos descartados por macacos. Das sementes fez mudas que foram compartilhadas com outros colecionadores. Na propriedade de Ipatinga plantou ainda duas árvores para André e Tiago, os netos mais velhos.

Outras sementes que chegaram às mãos de Melo são tão especiais quanto as que vieram da Austrália. Foram encontradas entre os municípios de Guapirimim e Cachoeiras de Macacu, no Rio de Janeiro, por Marco Lacerda. Coautor do livro *Frutas Brasileiras e Exóticas Cultivadas*, o fruticultor empreendeu, entre 2004 e 2008, uma expedição para buscar a “árvore do

Pessoas de vários países se unem para conseguir sementes e introduzir a guapeba no seu ambiente natural

imperador”. Com mais de 100 anos e cerca de 25 metros de altura, segundo relato de Lacerda, o exemplar está localizado à altitude de 200 metros.

De acordo com Eugênio Melo, a *C. imperiale* mobilizou a criação de um grupo de várias nacionalidades empenhado em localizar, reproduzir e posteriormente introduzir a guapeba em ambiente natural. Em Nova Odessa, município a 124 quilômetros da capital paulista, o Jardim Botânico Plantarum, idealizado pelo agrônomo Harri Lorenzi, conserva dois exemplares e oferece a oportunidade de ver de perto a rara “árvore do imperador”. A planta também pode ser observada no Parque da Água Branca, em São Paulo, e no Parque Farroupilha, em Porto Alegre (RS). ✨